

40º Encontro Anual da ANPOCS

ST11 Dinâmicas subjetivas e espaço público: gramáticas emocionais, corporais e
estéticas

Ativismo vegano na cidade: performance, mobilização política, emoções e
moralidades

Diego Breno Leal Vilela

Caxambu-MG

2016

Introdução

Desde o início dos anos 2000 temos presenciado a ascensão do Movimento de Defesa Animal (MDA)¹ no Brasil. Contudo, é preciso ressaltar que longe de ser algo homogêneo, o MDA é formado por uma multiplicidade de atores, com posicionamentos muitas vezes dissonantes no que diz respeito às “ideologias”, objetivos a serem alcançados e estratégias de ação.

Não obstante as divergências internas polarizadas por *abolicionismo* e *bem estar animal* no que diz respeito às estratégias e alcance dos objetivos pretendidos, estes grupos possuem em comum o fato de estarem trazendo os animais para o campo de reflexão moral humana, reflexão esta que tem culminado em práticas de cuidado, atenção, responsabilidade, engajamento e compromisso com os animais (Matos, 2012). Mais do que um conjunto de ações dispersas, sentimentos e emoções como indignação, injustiça e raiva, associado à ideia de maus tratos, reprovação, abandono e crueldade praticadas contra animais têm agregado indivíduos em torno de ações coletivas organizadas com o objetivo não apenas de interromper esse sofrimento, mas também de chamar a atenção da população e também do poder público para a chamada “causa animal” (Matos, 2012).

Em muitas dessas ocasiões, tais como ações cotidianas ou protestos, essas mesmas reivindicações são realizadas por meio de *performances* públicas em que os ativistas se utilizam de uma série de equipamentos e artefatos tais como cartazes, banners, bandeiras, camisetas, tintas ou mesmo o próprio corpo com o objetivo de sensibilizar e chamar atenção das pessoas para aquilo que estão contestando.

Fundamentada na observação participante e com a utilização do recurso a entrevistas semi-estruturadas e registro fotográficos, constitui objetivo central deste artigo refletir sobre a dimensão das emoções e moralidades a partir da experiência de pesquisa que resultou na minha dissertação de mestrado². Tomarei como fio condutor e principal objeto de análise uma performance pública ocorrida no Dia Internacional dos

¹ Termo que utilizo para designar os vários sujeitos ou agentes organizados coletivamente em torno de causas relacionadas aos direitos e defesa animais.

² Ativismo Vegano em Natal (RN): uma etnografia sobre mobilização política, alimentação ética e identidades (2013)

Direitos Animais (DIDA) protagonizadas por ativistas veganos na cidade do Natal-RN, em 10 de dezembro de 2012.

Ativismo, movimentos sociais e emoções

Durante muito tempo os estudos sobre os movimentos sociais guardaram muita distância da temática das emoções. Isto porque as abordagens predominantes (tal como o paradigma da mobilização de recursos) sempre concentraram seu foco na análise sobre os aspectos ligados as estratégias e racionalidades dos movimentos.

De acordo Goodwin, Jasper & Polletta em introdução à coletânea *Passionate Politics* (2001), essa abordagem reflete uma concepção da qual as Ciências Econômicas e também Sociais sempre foram muito tributárias, de que os atores sociais são movidos por uma racionalidade instrumental, pelo cálculo e interesse. Na contramão desta perspectiva, os autores propõem uma abordagem que busque refletir sobre o papel e a importância das emoções no estudo da política, trazendo à tona aspectos/sentimentos como raiva, medo, nojo, indignação, paixão, alegria, tristeza e desprezo entre tantos outros aspectos que compõem o cenário da política, dos protestos e reivindicações.

Tal como afirma Gilberto Velho (2013) “há uma linguagem, um código através do qual os projetos podem ser verbalizados com maior ou menor potencial de comunicação.” (p.10). Os projetos se expressam através de uma linguagem que tem o “outro” como finalidade.

No que diz respeito ao ativismo vegano, as emoções e os afetos tornam-se elementos centrais nas formas de comunicação e ligação em um processo de mobilização política. Durante a minha pesquisa (2012) pude perceber que boa parte do aparato de mobilização que envolve a produção de materiais, panfletos ou vídeos, trazem à tona o recurso à sensibilização, muitas vezes comunicada através de uma linguagem emocional. Alguns vídeos se destacam nesse processo como a produção do Instituto Nina Rosa *A carne é fraca* (2005), e também documentário mundialmente conhecido *Earthlings* (2005) apenas para citar alguns. A partir de depoimentos colhidos ao longo da minha pesquisa de campo, pude constatar que esses e outros vídeos foram para muitos dos interlocutores dessa pesquisa decisivos no processo de se tornarem *veganos*:

Ética animal, a questão senciência. Meus amigos vinham com o discurso teórico que pra mim não fazia muito sentido... dai eu assisti Terráqueos. Foi um choque. Depois que eu vi eu me senti um nazista. Eu que na época já pensava tanta coisa sobre questão de igualdade,

liberdade, percebi uma falha muito grande no meu discurso: questão da ética animal, de como eu me relacionava com os outros animais (ALEX, 21/02/2013)

eu assisti Terráqueos, e realmente assim, me mudou totalmente, eu não conseguia olhar para carne do jeito que eu olhava antes, eu comecei a ter repúdio, e fui diminuindo a cada dia” (PEDRO, 23/12/2012).

Aqui cabe chamar a atenção para o que eu encaro como sendo um “certo dilema” que envolve o ativismo pelos direitos animais, pois, ao mesmo tempo em que muitos fundamentam suas ideias por meio de argumentos científicos, racionais, filosóficos e morais, durante os atos públicos o que parece mobilizar mais as pessoas são as atividades com alto teor de emotividade.

Uma das ativistas me falou sobre o processo de realização de uma das atividades que tem sido apontada como aquela que vem trazendo mais resultado, no sentido mobilizar ou sensibilizar um número maior de pessoas:

A gente leva a TV pra rua, fica passando **filmes de sensibilização**, com imagens de abate e mal trato de animais, e a gente coloca os banners com umas frases de efeito, e agente espera as pessoas pararem, e dai a gente aborda elas, o que achou dos filmes, o que achou dos banners, entrega panfletos (LUIZA, 06/02/2013).

Perguntei como as pessoas reagem diante da tela que veicula os “filmes de sensibilização”, assim ela me disse: “A maioria das pessoas tem a mesma reação, ficam perplexas. Uma vez fui abordar uma pessoa e ela chorou, ai eu vi que aquilo realmente dava certo, que valia a pena se esforçar para levar aquilo para rua” (LUIZA, 06/02/2013).

Se as pessoas estão “alienadas” com relação ao processo que envolve o abate até a chegada da carne ao prato, é preciso “despertá-las”, mostrá-las a “realidade”, tirá-las da “zona de conforto”, “abrir os seus olhos” da maneira mais direta e sagaz quanto possível:

Evocando uma das mais antigas figuras teóricas de Marx, seria como se a mercadoria carne (ou casaco de pele ou remédio) aparecesse ao consumidor como pura apresentação, ocultando atrás de si todo o processo produtivo que o conduziu até lá. O *filet mignon* que aparece no supermercado esconde o abatedouro, o confinamento, a reprodução *in vitro*, a engorda forçada. O cosmético que aparece na farmácia oculta o coelho do laboratório em que ele foi testado. Grande parte do trabalho retórico do abolicionismo consiste em lembrar – ou tornar manifesto – este processo; recordar o que existe entre o bife e a vaca (SORDI, 2010; p 19).

Ter “consciência” ou “conscientizar” remete a um dever moral, uma quase obrigação carregada pelos ativistas de levar para as demais pessoas esse saber. Na maioria das vezes, isso é feito a partir da exposição de imagens fortes e explícitas de cenas de abate. Mas não apenas. Nas palavras de Sordi:

Mesmo que se pautem por imagens bastante recorrentes ao abolicionismo, a pura e simples exposição do sofrimento de animais não é totalmente suficiente para fundar sua gramática e sua eficácia. É necessário aproximá-lo do sofrimento humano, demonstrar sua intimidade próxima. Um grau maior de reconhecimento é esperado daí, o que também tem ensejado algumas polêmicas (SORDI, 2011, p.20).

A atitude *vegana*, tal como descrita por Sordi, tem por característica o movimento de conferir ao animal um “estatuto de próximo” a partir da “exposição e reiteração de suas experiências negativas” (SORDI, 2011, p.18). Esse tipo de estratégia busca estabelecer simetrias entre o sofrimento humano e o sofrimento animal³ para torná-los passíveis de consideração moral. Como ouvir certa vez de uma ativista: “dor é dor, independente de ser humano ou não humano”:

AFINAL, QUEM NOS DEU ESSE DIREITO?

Porcos, vacas, galinhas, perus, peixes, coelhos, cabritos e todos outros animais são capazes de sentir fome, frio, dor, medo e angústia assim como os seres humanos. Da mesma forma que não desejamos infligir essas sensações a um humano, devemos ser coerentes e prestar igual consideração aos animais.

Não se trata de nos preocuparmos com o modo como esses animais são explorados: se são bem ou mal tratados, se o manejo é truculento ou suave, se a alimentação que eles recebem é mais ou menos balanceada, se eles têm ou não espaço suficiente. Trata-se de questionar se eles deveriam ser explorados sob qualquer forma e para qualquer fim que seja, pois eles prezam pela sua vida e liberdade tanto quanto qualquer um de nós⁴. [...]

Tratando sobre o contexto da violência na Colômbia, Jimeno (2010) faz algumas observações que me parecem bastante adequadas para também pensarmos o contexto do ativismo vegano, sobretudo, no momento em que busca estabelecer um paralelo entre o sofrimento humano e animal. A autora observa que as narrativas das experiências de

³ Em algumas manifestações essa ideia de se colocar no lugar do “outro” não humano pode ser levada ao limite. Para lembrar de um caso recente, ocorrido em abril de 2012 na cidade de Londres, uma ativista se voluntariou para sentir na própria pele um dia de testes similares aos que são feitos em animais pela indústria de cosméticos. <http://www.anda.jor.br/25/04/2012/mulher-vive-um-dia-de-cobaia-e-se-submete-aos-mesmos-testes-que-os-animais-sofrem-nos-laboratorios>

⁴ Trecho de um panfleto distribuído pelo Veddás e lido em um megafone durante uma manifestação.

sofrimento assumem a forma de testemunhos pessoais comunicados por meio de uma linguagem marcadamente emocional. Tal linguagem é concebida como elemento chave na formação de comunidades fundadas na partilha de um sentimento ou o que a autora chama de “comunidades emocionais, de moralidade, fundadas numa ética do reconhecimento.” (Jimeno, 2010, p.103). A autora também destaca que essa linguagem emocional possui uma enorme capacidade de criar laços que têm efeitos políticos na vida das pessoas:

[...] na medida em que constrói uma versão compartilhada dos acontecimentos de violência da última década e serve de alicerce para uma ética do reconhecimento e para ações de protesto e de reparação, visto que é um mediador simbólico entre a experiência subjetiva e a generalização social. (Jimeno, p.99, 2010)

De toda forma, a “sensibilização emocional” está longe de ser algo presente apenas no movimento pelos direitos animais. Constitui um fator central na retórica de vários outros movimentos sociais. Apenas para citar um exemplo, ao pesquisar o ativismo de HIV/Aids na cidade do Rio de Janeiro-RJ, Carlos Guilherme do Valle mostrou como nos eventos públicos “havia a intenção de desestabilizar e criticar o preconceito e as práticas de estigmatização, além de estimular, através da presença corporal e da própria performance, uma mudança de atitude e favorecer o posicionamento crítico diante da epidemia.” (Valle, no prelo). No DIDA – Dia Internacional pelos Direitos Animais – evento que será narrado mais adiante, essa estratégia chegou ao limite, uma vez que as pessoas que estavam participando desse ato seguravam cadáveres ou parte de corpos de animais em suas mãos, com o intuito de chamar a atenção das pessoas para a “exploração animal” e o mesmo tempo, sensibilizá-las, configurando um contexto em que as emoções são estrategicamente usadas pelos ativistas.

Corpo, Performance, espaço público

Movidos por princípios éticos baseados nos direitos animais, os veganos se recusam a consumir todo produto ou alimento de origem animal, o que faz de ações como o *boicote* a produtos uma ferramenta política importante no contexto desses sujeitos. Contudo, pude perceber durante a minha pesquisa de campo que para os ativistas veganos da cidade de Natal-RN, apenas demonstrar suas inquietudes por meio

das escolhas de consumo não são suficientes para alcançar as conquistas que almejam. Como ouvir certa vez de uma liderança em um dado momento dessa pesquisa, “não basta não fazer parte do problema, é preciso também fazer parte da solução”.

É a partir desse entendimento que se torna necessário ir às ruas, praças, universidades e demais espaços tornando pública as suas reivindicações. Em muitas dessas ocasiões, tais como ações cotidianas ou protestos, essas mesmas reivindicações são realizadas por meio de *performances* públicas

Entendo aqui *performance* tal como conceituado por Victor Turner (1987), um evento crítico, uma situação extraordinária, marcada por uma ruptura no fluxo da ação e da ordem social em que os atores estão de alguma maneira manifestando simbolicamente algo sobre os seus valores e sobre o seu mundo. Se referindo ao panorama teórico traçado por Victor Turner, Esther Jean Langdon afirma que:

Para Turner, a vida social é caracterizada por fluxos que incluem períodos conflituosos, estes que ele denomina “dramas sociais”. Ou seja, o equilíbrio social é continuamente interrompido por dramas sociais, nos quais os conflitos estouram ao redor de figuras de importância social. As crises se instalam e ameaçam a continuidade do grupo, assim, demandando uma resolução, e as tentativas de restaurar a situação são realizadas. Esta terceira fase do drama social, a das tentativas de restaurar a situação, é caracterizada pela de eventos rituais, no conceito mais amplo do rito. Turner especifica ritos tanto como processos jurídicos dentro da sociedade Ndembu da África, mas podemos reconhecer que na sociedade contemporânea os eventos conflituosos fazem parte de nossos dramas sociais, tais como greves na fase de crise, manifestações políticas até tumultos e motins violentos (LANGDON, 2007, p.8).

Pensando nas mobilizações políticas por meio da noção de *performance*, e tomando as ruas e a ocupação do espaço público como lugar por excelência para a realização dessas ações, as *performances* se tornam importantes pela capacidade que possuem de pôr em ação e materializar várias imagens, metáforas e valores amplamente compartilhada pelos ativistas veganos: *veganizar; animais não humanos; carnista; seres sencientes; comida livre de sofrimento; escravidão animal; holocausto animal*,

Muitas vezes, para que essas ideias sejam comunicadas para as demais pessoas e tenham visibilidade, durante as mobilizações políticas – nas ações e nos protestos – torna-se necessário utilizar uma série de artefatos que dão suporte aos atos e têm que ser levados em consideração, tais quais são os casos dos cartazes, banners, panfletos,

megafones, faixas, camisetas, e por que também não considerar, o próprio corpo como elemento chave e dotado de significado para o ativismo:

El cuerpo puede contener el mensaje, ser soporte del mensaje, o ser él mismo el mensaje, ya que en el cuerpo se produce y articula la ideología política. Para que eso suceda es imprescindible que los cuerpos se muestren: la visibilidad de los cuerpos-protesta puede cuestionar los significados sociales, poner en marcha demandas sociales y dar forma a imaginarios sociales sobre la protesta y quienes protestan. Los cuerpos no solo median la protesta, son protesta (ENGUIX, 2012, p.886).

Para pensar sobre as estratégias corporais e suas técnicas no curso das ações coletivas, – tal qual protestos, manifestações – sobretudo, na relação “cuerpo y vestido”, a antropóloga Begonya Enguix propõe uma análise por meio de três diferentes níveis que, em conjunto, situam e significam o corpo no curso da ação social.

Nos dois primeiros Enguix nos fala da incorporação de certos – roupas, camisas, bottons e demais adereços com mensagens políticas ou de protesto – tomando-os como importantes marcadores identitários que geram pertença e reconhecimento, ao mesmo tempo em que converte o corpo em um elemento veiculador, um meio de comunicação como suporte para mensagens que faz da relação entre corpo e indumentária uma interseção atravessada por identidades e ideologias.

No terceiro nível a autora chama atenção para um tipo específico de indumentária: as “camisetas identificadoras”. Elas diferem das assinaladas anteriormente pelo fato de identificam uma entidade ou grupo, tornando os ativistas facilmente reconhecíveis:

[...] la construcción de un “nosotros” donde reconocerse y ser reconocido en el proceso de constitución de la identidad colectiva es permanente. En estas negociaciones sobre los objetivos y los medios a utilizar para conseguirlos, el modo de mostrar el cuerpo y la utilización de camisetas identificativas se erigen como marcadores de activismo: los cuerpos-protesta puestos en contexto revelan y condensan las tensiones, contradicciones, oportunidades, metas y deseos de las identidades individuales y colectivas que los atraviesan. (ENGUIX, 2012, p.907).

Isso poderá ser percebido ao longo das linhas abaixo, a partir do evento que irei narrar, o DIDA.

Dida – Dia Internacional dos Direitos Animais

“Um dia para reivindicar justiça para todos.

O VEDDAS solicita a presença de TODOS os defensores dos animais e simpatizantes da causa animal em memória ao Dia Internacional dos Direitos Animais – DIDA.

Nesse impactante evento, reivindicaremos que o mesmo respeito que devemos ter com animais humanos seja estendido também as animais não-humanos.

Sustentaremos em nossos braços corpos mortos de cordeiros, bezerras, galinhas, peixes, coelhos, porcos que faleceram nas celas de exploração animal.

No local, haverá ainda voluntários a postos exclusivamente para dialogar com a população, prestando informações sobre o que vêm a ser Direitos Animais e esclarecendo qualquer dúvida acerca do tema⁵”.

O *Dia Internacional dos Direitos Animais* (DIDA) é uma data bastante importante na agenda dos movimentos de defesa animal. Criado no ano de 1998 pela ONG inglesa UNCAGED, o evento é realizado, desde então, em 10 de dezembro, referência ao dia em que a Declaração Universal dos Direitos Humanos foi ratificada pela ONU no ano de 1948. A escolha dessa data reflete, de uma só vez, um posicionamento e um desejo dos movimentos de defesa animal em todo o mundo, qual seja, que animais sencientes de todas as espécies – e não apenas os humanos – sejam também considerados como sujeitos moral e de direito, possuindo a garantia de que direitos básicos como o direito a vida, não sejam violados. No Brasil, o DIDA vem ocorrendo desde o ano de 2006, geralmente organizado por entidades de defesa animal. O VEDDAS organizou ações no DIDA nas cidades em que possui representação: Recife, Natal, São Paulo e Sorocaba. Vejamos abaixo o texto que foi publicado no site da ONG em ato alusivo ao DIDA:

Um dia para reivindicar justiça para todos.

O VEDDAS solicita a presença de TODOS os defensores dos animais e simpatizantes da causa animal em memória ao Dia Internacional dos Direitos Animais – DIDA.

Nesse impactante evento, reivindicaremos que o mesmo respeito que devemos ter com animais humanos seja estendido também as animais não-humanos.

Sustentaremos em nossos braços corpos mortos de cordeiros, bezerras, galinhas, peixes, coelhos, porcos que faleceram nas celas de exploração animal.

⁵ Texto extraído do site do VEDDAS referente ao DIDA. Disponível em: www.veddas.org.br Acesso em 12.12.2012.

No local, haverá ainda voluntários a postos exclusivamente para dialogar com a população, prestando informações sobre o que vêm a ser Direitos Animais e esclarecendo qualquer dúvida acerca do tema⁶.

Como há de se notar, essa manifestação possui um caráter diferente das outras, não em seu conteúdo, mas certamente em sua forma: cadáveres de animais seriam expostos. Se sensibilizar é uma palavra chave no discurso dos sujeitos aqui em questão, nessa manifestação chegariam ao limite de sua estratégia, não apenas falando do quanto é cruel o processo a qual os animais são submetidos do abate até chegar ao nosso prato, mas também, trazendo esses animais para diante dos olhos das pessoas, nua e cruamente.

Em Natal, o evento ocorreu pela manhã, das nove ao meio dia, no cruzamento da Avenida Rio Branco com a Rua João Pessoa, em uma das partes mais movimentadas do centro da cidade. A presença do VEDDAS não era novidade nessa região do centro. Durante boa parte do segundo semestre de 2012 pelo menos uma vez na semana montavam o que chamavam de Banca VEDDAS, atividade de caráter informativo em que os voluntários vão para as ruas exibir vídeos de sensibilização.

Cheguei por voltas das 09h30, o ato já havia começado. De longe, já era possível perceber um movimento de pessoas se aglomerando em torno dos sujeitos que protagonizavam o DIDA. Estes, eram cerca de 18 pessoas e trajavam camisetas pretas do VEDDAS, o que tornava esses ativistas muito facilmente reconhecíveis. A esse respeito, afirma a antropóloga Enguix:

Portar camisetas del mismo color uniformiza a los manifestantes al tiempo que los empodera visibilizándolos. Esto es importante si tenemos en cuenta que en comparación con otros grupos de participantes, los activistas vestidos con camisetas monocromáticas son una minoría. Las tensiones entre lo individual y lo colectivo desaparecen aquí en aras de algo más importante, porque el objetivo básico de esta estrategia es visibilizar la “auténtica” racionalidad que hay tras la manifestación: visibilizar el activismo y las asociaciones (ENGUIX, 2012, p.889).

Ouvia também uma voz que saía do megafone: “Animais não são produtos, mercadoria, objetos, entretenimento. Hoje é dia 10 de dezembro, dia internacional dos

⁶ Texto extraído do site do VEDDAS referente ao DIDA. Disponível em: www.veddas.org.br Acesso em 12.12.2012.

direitos animais...”. Cheguei e me juntei aos manifestantes. Também estava trajando preto, embora minha camisa não tivesse a estampa do VEDDAS.

O evento havia sido planejado de maneira que cada pessoa que estivesse participando desempenhasse uma função. Algumas pessoas se responsabilizaram por falar ao megafone, outras foram destacadas para distribuir panfletos e conversar com os passantes informando do que se tratava a manifestação. Outros tiravam fotos, e ainda tinham aqueles que ficavam responsáveis por auxiliar as pessoas que estavam segurando os cadáveres, fornecendo-lhes água, enxugando seus rostos, em suma, oferecendo todo o apoio necessário – foi entre estes que eu me incluí.

O cenário estava montado como de costume. Vários *banners* espalhados no chão em volta de onde o ato se concentrava. A televisão sob a mesa passando imagens fortes de animais sendo abatidos. Pessoas distribuindo panfletos e interagindo com os passantes. Através do uso de um megafone, os trechos de um texto preparado por um dos integrantes era, de tempos em tempos, repetido:

O que nós estamos aqui mostrando é apenas uma amostra dos milhares de animais que são mortos por segundo, em todo o mundo, vítimas da exploração que os humanos submetem a estes animais.

Não é a partir da indústria que essa situação pode mudar, é a partir de você consumidor.

Quando você escolhe consumir a carne de algum animal, seja de um boi que desde o nascimento sofre com a separação de sua mãe, com a castração, com o confinamento, marcado por queimaduras, e tendo no final uma morte terrível... Seja de um peixe que morreu por sufocamento, esse ato da compra é uma escolha! Uma decisão sua!

Quando você consome o leite de uma vaca, que teve seu filhote separado, passando toda a vida por isso, sendo deixada grávida constantemente, e tendo também uma morte terrível para virar um hambúrguer... Quando você escolhe algum cosmético que foi testado em animais, ou quando você compra couro, seja no sapato ou em uma bolsa, você, com essa escolha, colabora com essa indústria, dá dinheiro a ela, para que continue a explorar e matar... Mas isso tudo começou com a sua escolha.

Se você até hoje não teve a chance de refletir sobre esse assunto, faça isso agora. Você pode a partir de agora fazer uma escolha diferente⁷.

Contudo, o centro da manifestação era de fato, as pessoas que estavam segurando os cadáveres. Estavam posicionados em lugares demarcados por uma folha de papel contendo mensagens fixadas no chão: “Vítima do paladar. Vítima da religião. Vítima da

⁷ Texto escrito por um dos interlocutores dessa pesquisa, que gentilmente o cedeu para o meu trabalho.

moda. Vítima da Ciência”. Cada voluntário deveria ficar de pé no local em que o papel contendo as mensagens foi posicionado.

Seguravam com luvas diversos animais, alguns inteiros como os coelhos e peixes, outros em pedaços, como as patas de um boi ou vaca, tripas, cabeças de galinha. Entre as partes seguradas, algumas chamavam mais atenção que outras: duas cabeças de porcos e uma enorme cabeça de boi, estando essa última no centro enquanto os demais manifestantes se espalhavam para os lados e para trás. A ideia que era que todos ficassem em pé, missão impossível para quem segurava a cabeça do boi. A pessoa que se voluntariou para essa “missão”, teve que ficar sentada. Na frente, um grande faixa contendo os seguintes dizeres: “Todos os animais expostos foram provenientes do descarte da indústria de exploração animal, obtidos mortos e sem custos.” Outra faixa também foi exposta lateralmente: “10/12 – Dia Internacional dos Direitos Animais: direito à vida, liberdade e respeito. VEDDAS/RN”.



Imagem – “DIDA”

Houve toda uma mobilização para que conseguissem esses cadáveres. Praticamente, todos eles foram adquiridos dias antes do ato e guardados em ambiente refrigerado na casa de um dos ativistas.

Em Natal, costuma-se dizer: se quer encontrar algo, vá ao Alecrim. Trata-se de um bairro popular, localizado centralmente na cidade, conhecido por abrigar uma variedade enorme de comércio. Foi justamente em uma de suas feiras que os corpos foram adquiridos, com exceção da grande cabeça de boi, trazida de Recife por integrantes do Veddás/RN, que se dirigiram até esta cidade para participarem do DIDA, que, por questões locais, ocorreu dias antes da data nacional.

Pessoas paravam curiosas ao redor dos manifestantes. Muitas ficavam perplexas, espantadas diante dos cadáveres e assim permaneciam por um bom tempo sem nada falar. Na face de algumas delas, era possível perceber de maneira nítida, o espanto.



Imagem – Olhares

Algumas dessas pessoas se dispunham a conversar, e até se interessavam pelo trabalho dos ativistas. Notei que muitas delas perguntavam como poderiam ajudar o grupo, se tinha camisetas para vender, se tinham *site* ou alguma plataforma de informação. Por outro lado, uma série outra de pessoas ao se aproximarem e se depararem com os cadáveres dos animais, não queriam saber do que se tratava, simplesmente saíam,

demonstrando incômodo, nojo. Ouvir uma delas dizer: “Deus me livre, fazerem isso com o meu coelho!” Uma outra, simplesmente disse: “que horror”.

Gilberto Velho (2013) chama a atenção para a importância das emoções na constituição dos *projetos*:

... as minhas emoções estão ligadas, são matéria-prima e, de certa forma, constituem o meu projeto. Há sentimentos e emoções valorizados, tolerados ou condenados dentro de um grupo, de uma sociedade. Há, portanto, maiores ou menores possibilidades de viabilizá-los, efetivá-los. Desejos ‘pecaminosos’, emoções ‘inconvenientes’, sentimentos ‘impróprios’ são limitados e balizados pelas sanções e normas vigentes ou dominantes. Os padrões de normalidade legitimarão ou não dentro de uma situação particular as condutas e ações individuais. Um código ético-moral definirá o errado, inadequado, incestuoso, impróprio, sujo, poluído, perigoso que possa haver nos corações e mentes dos homens e nas suas condutas e interações. Assim, uma sociologia dos projetos tem de ser, em alguma medida, sociologia das emoções (VELHO, 2013, p.102).

Como temos ressaltado, a palavra “sensibilidade” constitui uma dimensão importante tanto para engajamento à causa quanto nas estratégias utilizadas pelos ativistas durante os eventos para mobilizar as pessoas. Esse processo é orientado por argumentos racionais, filosóficos e políticos baseados nos direitos animais, mas também por sentimentos de raiva, dor, indignação, revolta, compaixão. Muitas vezes, essas ações de sensibilização são realizadas por meio de ações performáticas, a exemplo dos protestos que aqui estão sendo narrados.

As *performances*, tal como mencionamos anteriormente, podem ser compreendidas enquanto situações extraordinárias, momentos em o que fluxo cotidiano da vida social é interrompido temporariamente. Tais momentos propiciam aos atores sociais que conduzem a ação performática, a possibilidade de distanciar-se daqueles papéis normativos que vivem cotidianamente e “numa atitude reflexiva repensar a própria estrutura social ou refazê-la.” (Silva, 2005). Talvez por isso mesmo, que em eventos como o DIDA, as emoções sejam estrategicamente utilizadas pelos ativistas, com o objetivo definido de chocar as pessoas, desestabilizá-las, tirá-las da sua “zona de conforto” – como dizem os ativistas – mostrar-lhes que algo tão naturalizado, rotineiro e estabelecido tal qual é o consumo de alimentos e produtos de origem animal em nossa sociedade, por meio de um olhar deslocado e por uma outra ótica, estão marcados por relações que envolvem crueldade, exploração, dor e tortura. O que esses ativistas estão

fazendo nesses eventos é mostrando para as demais pessoas algo sobre a sua visão de mundo, que neste caso, aponta para uma transformação radical na maneira como nos relacionamos com os animais não humanos em nossa sociedade.

Gritos ecoavam do megafone:

A carne, o leite, os ovos, o couro ou a pele, dos animais, ou mesmo o mel das abelhas não foram dadas por eles. Foram arrancadas, usurpadas. A vida e a liberdade deles foram arrancadas, para sentir o gosto dos seus músculos, para decorar seu sapato, para sentir o gosto do leite, que ao invés de ter sido sugado pela boca do seu filhote, foi sugado por uma máquina que puxa este leite, constantemente, dolorosamente.

Quem nos deu esse direito? No passado, a escravidão era aceita. Uma pessoa que possuía escravos era considerada poderosa, importante. Agora, você sabe que nós não temos o direito de tornar outra pessoa em escravo, mas seu bisavô achava que a escravidão era normal e natural. As leis aceitavam a escravidão, só por conta da cor de pele.

Mas você sabe que tornar outro em escravo não é admissível. Da mesma forma, não é só porque empresas tratam os animais como objetos que isso é correto. Não é correto aceitar a escravidão dos animais só porque eles são de outra espécie... por que eles tem outra cor ou outro pelo.

Não se deve aceitar violência. Não se deve aceitar exploração. Ninguém quer sofrer ou ser explorado. Porque, então, fazer outro sofrer? Porque pagar para que outro violento e faça inocentes sofrerem?

Aceitar essa exploração é aceitar uma sociedade injusta. Aceitar a injustiça é reflexo de uma sociedade que é mantida pela desigualdade. Faz acreditar que essa desigualdade e que essa injustiça são necessárias. Faz você acreditar nisso para tratar você também de forma injusta.

Não aceitar a violência e a injustiça contra os mais fracos, mudar seu comportamento, é agir contra essa injustiça. E isso é benéfico para você. Pois assim ninguém poderá afirmar que pode ter mais direitos que você. Tratar o outro da forma que você gosta de ser tratado é afirmar que você não aceita injustiças.

Não aceite essa injustiça. Não aceite a exploração dos animais. Não os trate como objetos. Não os trate como mercadorias. Eles desejam continuar vivos, desejam viver em liberdade, desejam aproveitar a vida sem sofrimento.

Hoje é o Dia Internacional dos Direitos Animais. Reflita e se você ainda consome carne e produtos de origem animal, mude a partir de hoje. Escolha produtos éticos. Não consuma partes de animais e não consuma produtos que venham da exploração deles.

Com o passar do tempo, alguns animais já começavam a cheirar mal e várias moscas começaram a rondar aquele ambiente, pousando sobre os cadáveres. Ao meio dia, a manifestação foi encerrada por uma das integrantes do VEDDAS que pegou o

megafone e proferiu as seguintes palavras: “os animais não são produtos; animais não são comida; animais não são mercadoria; o que nós queremos? Libertação animal!; o que nós queremos? Libertação animal! Nós vamos conseguir? Sim!! Nós vamos conseguir? Sim!!”.

Com uma salva de palmas, os ativistas encerraram o ato. Depois, parte considerável das pessoas que participaram do evento se dirigiram ao restaurante *A Casa* para almoçar. Os animais foram enterrados após a manifestação.

Considerações Finais

Tentei ao longo deste trabalho refletir sobre questões que envolvem ativismo, emoções e performance a partir de uma manifestação pública, o DIDA. Para além do potencial sensibilizador presente nessas manifestações, é preciso ressaltar que essa linguagem emocional possui uma enorme capacidade de criar laços que têm efeitos políticos na vida das pessoas. De acordo com Cardoso:

Todos os movimentos sociais reúnem pessoas que sofrem uma mesma opressão. O movimento de mulheres, dos negros, dos hippies ou dos homossexuais tem sua base na cooperação entre aqueles que, real ou imaginariamente, compartilham os mesmos problemas. E é por isso que todos eles só reconhecem como membros plenos aqueles que podem exibir essa condição comum. Nos grupos feministas, por exemplo, só mulheres são aceitas. Alguns poucos homens podem ser aliados, porque demonstram uma adesão intelectual, entretanto, nunca substituiria a vivência da condição feminina. Ou seja, a definição de posições políticas resulta de discussões que passam pelas emoções e pela subjetividade, espaço este visto como privilegiado para a formação de um espírito coletivo. (Cardoso, p. 262)

O estabelecimento de simetrias entre humanos e animais constitui um elemento chave. Uma espécie de reconhecimento a partir da dor e sofrimento de um “outro” que parece estar cada vez mais próximo de um “nós”, mediante um processo de produção de identificação entre as espécies (Segata, 2012).

Noções como *senciência* (capacidade de sentir e sofrer), são constantemente evocadas nos discursos e manifestações com o objetivo de produzir equivalências (aproximar humanos e animais, pois ambos possuem capacidades de sentir e sofrer) constituindo um cenário em que o sofrimento é evocado tanto para torná-los passíveis de consideração moral (Perrota, 2012) quanto para a reivindicação de direitos. Dessa forma,

o conteúdo emocional presente nas formas de comunicação ativista deixa de ser apenas um sentimento individual e passa a ser uma mediatrix para a construção de relações sociais entre as pessoas, o que permite o entendimento das emoções não apenas enquanto forma de expressão e juízo de valor sobre o mundo social do qual fazemos parte, mas também e principalmente como algo que alimenta ou constitui a própria ação política.

Por fim, não posso deixar de considerar que algumas das questões colocadas pelos integrantes do movimento de defesa dos direitos animais nos colocam alguns pontos extremamente importantes para refletirmos sobre questões mais amplas como o “estatuto do humano” (INGOLD, 1995) e os limites de algumas oposições que foram determinantes na construção da cosmologia ocidental, tal como natureza/cultura.

Referências:

- CARDOSO, Ruth. “Movimentos sociais urbanos: balanço crítico”. In: *Ruth Cardoso, obra reunida*. São Paulo: Mameluco, 2011.
- ENGUIX, Begonya. “Cuerpos y protesta: estrategias corporales en la acción colectiva”. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 11, n. 33, pp. 885-913, Dezembro de 2012. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>. Acesso:13.05.2012.
- FERRIGNO, Mayra Vergotti. **Veganismo e libertação animal: um estudo etnográfico**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Campinas/SP. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. São Paulo, 2012.
- GOODWIN, Jeff; JASPER, James M. & POLLETTA, Francesca (orgs.) 2001 **Passionate Politics – emotions and social movements**, Chicago and London, The University of Chicago Press.
- JIMENO, Myriam. Emoções e Política: a Vítima e a Construção de Comunidades Emocionais. **Mana**. Rio de Janeiro. P.99-121 (2010).
- LANGDON, Esther Jean. “Rito como Conceito Chave para a Compreensão de Processos Sociais”. *Antropologia em Primeira Mão*.UFSC:2007. Disponível em: <http://www.antropologia.ufsc.br/97.pdf> .
- MATOS, Liziane Gonçalves de. **Quando a “ajuda é animalitária”: um estudo antropológico sobre sensibilidades e moralidades envolvidos no cuidado e proteção abandonados a partir de Porto Alegre/RS**. Dissertação de Mestrado. Universidade

Federal do Rio Grande do Sul / UFRGS. Programa de Pós- Graduação em Antropologia Social. Porto Alegre, 2012.

PERROTA, Ana Paula. **O “sofrimento” como justificativa para a reivindicação de uma nova relação entre humanos e animais.** XV Encontro de Ciências Sociais - Norte/Nordeste (CISO)- 2012 – UFPI. Disponível em: <http://www.sinteseeventos.com.br/ciso/anaisxvciso/resumos/GT03-53.pdf> Acesso: 02.01.2016

SEGATA, Jean. **Nós e os outros humanos, os animais de estimação.** Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. UFSC. Florianópolis, 2012.

SILVA, Rubens Alves da . Entre ‘artes’ e ‘ciências’: a noção de *performance* e *drama* no campo das ciências sociais". In Horizontes Antropológicos. Porto Alegre , v. 11, n. 24, p. 35-65, 2005.

SORDI, Caetano. “O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais”. *Cadernos IHU Ideias*, ano 9 no. 147, 2011.

Turner, Victor. *The anthropology of performance*. Nova York: PAJ Publications (1987).

VALLE, C. G. O. Afirmando-se a vida, constrói-se o tempo: experiência, emoções e ativismo político contra a AIDS. In: COELHO, M. C. P; DURÃO, Susana. *Antropologia das Emoções* (no prelo).

VELHO, Gilberto. **Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia Urbana.** (Hermano Vianna, Karina Kuschnir, Celso Castro, orgs.). Rio de Janeiro: Zahar, 2013.